

História

IDEOLOGIA E CULTURA: UM OLHAR ALÉM DA “MARCHA COM DEUS, PELA FAMÍLIA E PELA LIBERDADE”, REALIZADA NO DIA 02/04/1964.

Por: Cristiano da Silva Moreira¹
Patrícia Amaral Loyola²

Introdução

O século XX foi marcado pela mudança nos rumos da construção historiográfica, tendo como expoente o movimento produzido pelas publicações da Revista dos *Annales*. Era o início do abandono de uma história mais tradicional com foco político ou apenas a exaltação de grandes homens através da leitura rasteira de documentos oficiais; aos poucos os *Annales* transformaram-se em uma “escola”, consagrando um olhar mais social e

econômico, nascia uma outra forma de se compreender o passado³.

O historiador era então convidado a abandonar a sua torre de marfim, seu lugar seguro por detrás da mesa, para assim investigar de perto, porém não mais solitário, as construções do mundo social interpretando-as, e a partir desta reflexão construir sua historiografia⁴.

Este foi apenas o início, o breve século XX⁵ recheado de profundos acontecimentos trouxeram outras rupturas e formas de reflexão, fruto dos acontecimentos internacionais, que movimentaram o cenário

¹ Graduando do curso de Licenciatura em História, participa do Programa de Iniciação Científica das Faculdades Integradas Simonsen

² Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense, Professora das Faculdades Simonsen e Professora da Rede Pública de Ensino do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: patricialoyola@oi.com.br

³ BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989*. São Paulo: Editora Universidade. Estadual Paulista, 1991, p. 11-15.

⁴ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2002. p. 26.

⁵ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: Breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 15-16.

mundial. E se a história é filha do seu tempo⁶, logo estas mudanças provocariam também outras mudanças no modo de pensar, problematizar, e escrever a história. Se a Primeira Guerra Mundial trouxe a dúvida sobre os modelos da ciência como sendo o ícone de progresso e de sociedade, provocando por consequência mudanças na forma de refletir a História, em contra partida a Segunda Guerra Mundial introduzirá a certeza da queda dos velhos modelos.⁷

Na construção historiográfica, os novos tempos provocaram várias mudanças. A crise dos paradigmas explicativos da realidade trouxe uma nova reflexão e mudanças epistemológicas nos conceitos historiográfico associado a um esgotamento de modelos e de um regime de explicações globalizantes⁸. O primeiro ocorreu na própria Escola dos *Annales*, que nas décadas de 1960 e 70 começou a perder o foco excessivamente econômico e social nas suas construções, para dar lugar a inúmeras maneiras de se perceber a realidade histórica⁹. Entre elas, e a que nos interessa nesse artigo foi a *História das Mentalidades*, que questionava a maneira de

pensar a sociedade dentro de construções ideológicas¹⁰. A segunda crise, muito alinhada aos acontecimentos mundiais e a reviravolta da historiografia internacional surgiu na Inglaterra, e foi o chamando de Neomarxismo⁹. Este trabalhou a história dentro da antiga forma de análise marxista através das relações sociais, econômicas e de trabalho, porém deixando de lado a influência leninista, abandonou o processo histórico como uma sucessão de lutas de classes, questionou os modelos explicativos fixos e ideológicos de estruturas e superestruturas¹¹. Estas duas formas de pensar deixaram marcas tão contundentes que a partir da década de 1980, principalmente após queda do muro de Berlim em 1989, decretou-se em alguns autores, o fim das ideologias dominantes¹². A partir desse momento, grande parte da construção historiográfica, se não em sua maioria que possa lidar com as formas de pensamento humano, vão ser gradativamente direcionadas a história cultural, ou como alguns já apresentaram em obras anteriores, *a nova história cultural*, recusando de vez o

⁶ Ibidem ao 3, p. 7.

⁷ O período posterior a queda da bolsa de Nova Iorque foi de uma construção política extremamente nacionalista, etnocêntrica e colonialista, processo este iniciado no final do século XIX e que já havia ganhado impulso após a primeira grande guerra. Daniel Aarão Reis encontra neste processo o embrião dos Fascismos e a consolidação dos dois principais modelos político-econômicos da época que foram bastante protecionistas: O Liberalismo Capitalista, tendo como seu principal expoente os Estados Unidos da América e seus aliados; e o modelo do Socialismo Comunista, que construiu um

bloco alinhado a estas ideias, tendo a URSS como seu representante principal. FILHO, Daniel Aarão Reis (orgs). *O Século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 112-113.

⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 8-9.

⁹ BURKE, Peter. 1991, p. 56-57.

¹⁰ CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFANS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 170-172.

¹¹ Ibidem ao 10, p. 27-32.

¹² Ibidem ao 10, p. 12.

termo “*mentalités*”¹³, fazendo com que este ramo da construção historiográfica abarque grande parte do que seria produzido nas principais Universidades no campo da História no ocidente.

Porém como compreender, e mais do que isso, desenvolver uma análise historiográfica em núcleos como partidos políticos, grupos religiosos, manifestações sindicais, torcidas esportivas, entre outros, uma vez que o conceito de “ideologia” como se pensava originalmente, já não servia mais como conceito da ciência da verdade? E como analisar historicamente conceitos ideológicos contemporâneos que tem como ação motivadora as suas crenças ou construções de mundo idealizado? Como compreendermos de forma mais abrangente um evento, de maneira a percebermos como os símbolos deste estão envolvidos com o cotidiano cultural dos seus personagens? Buscando responder estas perguntas selecionamos como objeto de estudo a manifestação ocorrida em 12 de março de 1964 no Rio de Janeiro, denominada “Marcha com Deus, pela Família e Pela Liberdade”. Será este, o tema deste artigo.

Noticiada por jornais da época, como tendo aproximadamente 1 milhão de pessoas, esta conseguiu mobilizar cidadãos de várias localidades, unidos pelo mesmo símbolo e defendendo a mesma bandeira, a da

intervenção militar. Buscaremos compreender então, através de pesquisas em jornais e fontes bibliográficas quais as razões de tamanha proporção deste evento? Por que esta passeata de oposição ao Governo de João Goulart conseguiu tantos adeptos em tão pouco tempo. O que seus símbolos maiores “Deus, Família, e Liberdade” têm a apresentar neste contexto histórico, que seja relevante para a nossa compreensão do evento?

Enfim, na tentativa de elucidarmos estas e outras questões estaremos, ao final, percebendo que ainda hoje, algumas construções da realidade podem motivar populações a seguir determinados objetivos simplesmente porque estes se aparentam como uma realidade salutar, ou quando seus discursos podem soar agradáveis aos ouvidos. Procuraremos então perceber, em última instância, o quanto as figuras que nos cercam em nossa construção imaginária de cotidiano podem nos levar a tomar partido, influenciar, ser influenciado etc., em uma circularidade de informações, entre o que é erudito, popular ou de massa.

A “marcha” e seu contexto político, social e cultural.

A percepção da realidade de um evento não acontece se não pela compreensão do processo dos acontecimentos que o envolve¹⁴. Sendo assim, só poderemos

¹³ HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.1-29.

¹⁴ CHAÚÍ, Marilena. *O que é Ideologia?* São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 7-9.

compreender de fato a realidade da “Marcha pela Família, com Deus e pela Liberdade” se iniciarmos por entender os eventos que se desenrolaram e emolduraram a manifestação de 2 de Abril de 1964. De fato, o ocorrido no Rio de Janeiro fez parte de uma sequência de passeatas e atos públicos que receberam o mesmo nome. A primeira das “Marchas” ocorreu em São Paulo, bem na data quando se comemora o dia de São José, padroeiro da família na religião cristã romana, dia 19 de março¹⁵. Organizados principalmente por setores da Igreja Católica e por entidades femininas como a CAMDE (Campanha da Mulher pela Democracia), União Cívica Feminina, entre outras¹⁶. Todas estas manifestações foram em resposta ao comício de João Goulart na Central do Brasil, onde apresentou iniciativa de amplas reformas populares, conhecidas como “Reformas de Base”. Neste primeiro comício em São Paulo estiveram presentes grandes personalidades, já na “Marcha” do Rio de Janeiro, lá estava o então Governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, que sempre manteve o seu apoio às passeatas, vindo a ser um dos maiores incentivadores daquele evento. Porém, ao analisarmos um pouco mais a fundo o evento, veremos que se tratava de uma manifestação de profundo revide ao comício de João Goulart na Central do Brasil ocorrido no dia 13 de

março de 1964. Mais, não havia apenas apoio de pessoas ilustres e líderes do clero Católico, mas também o apoio financeiro de homens de negócio de São Paulo, onde em 19 de março tinha até mesmo um padre norte americano¹⁷.

Em resumo, as marchas foram manifestações de resistência de diversos setores da sociedade brasileira que se colocaram contrários ao comício e a proposta do governo federal de fazer uma reforma na estrutura social e política brasileira apresentada no dia 13 de março de 1964 pelo então presidente João Goulart.

A partir desta realidade anteriormente apresentada, surge um questionamento importante. A quem interessava colocar em prática as propostas políticas levantadas pelo Presidente neste comício da Central do Brasil? A quem se destinava, para levantar tamanho número de manifestantes contrários ao evento? Se tomarmos como base o seu discurso¹⁸, o alvo era a população mais empobrecida da sociedade, uma vez que seu comício tinha como alvo, em primeiro, os sindicatos que formavam parceria com ele desde o governo de Getúlio Vargas, tempo em que Goulart havia sido Ministro do Trabalho, tendo em sua biografia lugar de destaque no trabalhismo histórico varguista por estar em posição chave quando da consagração de diversos direitos

¹⁵ LAMARÃO, Sérgio. *A Marcha da família, com Deus pela liberdade*, in: *A Trajetória de João Goulart*. Rio de Janeiro: Revista on-line CPDOC/FGV, 2012.

¹⁶ JB, 1º Caderno. 01/04/64.

¹⁷ CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil. O longo Caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 146-147.

¹⁸ Discurso de João Goulart, 13/03/64.

trabalhistas para os trabalhadores brasileiros, além de ganhos reais em relação ao salário mínimo. As suas medidas de base visavam também uma reforma agrária que pudesse promover um maior assentamento de famílias, o que incomodava sobremaneira os grandes proprietários de terra. No setor econômico, “Jango” prometia combater a alta do preço que tanto comprometia a renda do trabalhador. Enfim, segundo o seu discurso, as ações políticas chamadas de “Reformas de Base”¹⁹, visavam atender a maioria da população, e o interesse do trabalhador assalariado. Porém, aquilo que no campo político e social não nos permite ter muitas respostas das razões de João Goulart não ter reunido um maior apoio da população, a ponto dos jornais noticiarem um menor número em seu comício, no campo cultural possivelmente tenhamos outras respostas. Podemos falar então de uma mentalidade elitista que emperrou as mudanças por temê-las, e que pra isso articulou diversas forças da sociedade brasileira que culminou no golpe de 64.

A ideologia anticomunista e a construção cultural da “marcha”.

Para a promoção de um governo e a legitimação do poder político, uma das formas mais clássicas está em desenvolver uma ideologia²⁰ que, para um determinado grupo,

será apresentado como sendo parte de sua realidade. Mas como apresentamos anteriormente, poderíamos ainda hoje, com as formas de análise contemporânea do processo de construção historiográfico, percebermos uma construção ideológica de forma a construirmos a sua trajetória na estrutura abordada? O filósofo britânico Terry Eagleton propôs que sim, mesmo em meio a concepções pós-modernas de diálogos sociais. Para este autor, a palavra ideologia está impregnada de pré-conceitos que fez com que esta fosse abandonada nas décadas de 1980 e 90, porém pode ser percebido dentro dos diálogos sociais, sempre quando se constroem visões de mundo, tendo como base desta construção de mundo real, o imaginário. Ele defende que de fato ninguém está totalmente iludido, como se pensavam no período pós Segunda Guerra Mundial. Logo aquele que se envolve com uma ideologia está na realidade dialogando com ela, ora percebendo as construções do seu dia a dia, ora buscando na sua ideologia símbolos que expliquem as razões de sua prática diária, percebendo uma construção racional, por mais que ela difira de determinados grupos sociais que este se encontra envolvido. Sendo assim, se esse diálogo com a realidade não acontecesse, aquele que se deixasse enveredar por qualquer ideologia jamais conseguiria

¹⁹ LAMARÃO, Sérgio. *Comício das Reformas*, in: *A Trajetória de João Goulart*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV Revista on-line, 2012.

²⁰ CARVALHO, José. *A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras 1990, p. 9.

romper com a mesma²¹. A troca de partido políticos, o abandono de determinada religião, a aceitação e rejeição de vultos sagrados, são também características de construções e desconstruções ideológicas que o ser humano constantemente desenvolve. Em resumo, para este autor, uma ideologia para ter êxito precisa ter ligações muito forte com a realidade daquele que se envolve com ela ao ponto de não poder rejeitá-la.

“(…) Em resumo, para terem êxito as ideologias devem ser mais do que ilusões impostas e, a despeito de todas as suas inconsistências devem comunicar a seus sujeitos uma versão da realidade social que seja real e reconhecível o bastante para não ser peremptoriamente rejeitada (…)”²².

Uma das ideologias mais difundidas nos anos anteriores a “Marcha”, e que seria utilizada como uma razão para o Golpe Cívico Militar foi o de difundir o medo da transformação do país em um Estado Comunista²³. Este pensamento já havia sido muito utilizado em tempos anteriores, como na

década de 1930 no governo Vargas. Uma imagem distorcida dos movimentos socialistas na Europa foi sendo apresentado aos brasileiros consagrando nas mentalidades “O Perigo Vermelho”.

A construção dessa ideologia anticomunista foi muito bem trabalhada pelos anticomunistas que havia se juntado aos militares por meio da ESG (Escola Superior de Guerra), através de um associação criada pelos empresários paulistas chamada IPES (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais)²⁴. E quem saiu bem neste momento que antecedeu ao Golpe Cívico-Militar foram as mídias impressas e de radiodifusão. Fizeram a sua parte não só de forma direta na divulgação deste imaginário, como na propagação de um caos administrativo²⁵, se beneficiando de verbas das grandes empresas, que neste momento já eram as principais financiadoras destes veículos de comunicação com suas propagandas, deixando de lado o poder público e a força dos classificados²⁶. Porém, como já dito anteriormente, para que esta ideologia tivesse sentido e receptividade, parte do que se dizia deveria comunicar-se com a realidade daquele que lia ou ouvia. Uma dessas realidades comunicativas era o fato de que as ideias

²¹ EANGLETON, Terry. *Ideologia: Uma Introdução*. São Paulo: UNESP, 1991, p. 11-14.

²² *Ibidem* ao 19. 1997, p. 27.

²³ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”*: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002. p. 243.

²⁴ CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil. O longo Caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 159.

²⁵ ABREU, Alzira Alves de. *A participação da imprensa na queda do governo Goulart*. in: *1964 - 2004: 40 anos do Golpe*. Rio de Janeiro: 7letras, 2004. p. 15.

²⁶ ABREU, Alzira Alves de. *A modernização da imprensa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 19-10.

anticomunistas, já haviam sido difundidas no Brasil antes. As lideranças destes novos tempos, como Lacerda no Rio de Janeiro, construía discursos já ouvidos décadas antes ou mesmo pontes com outras lideranças alhures, até mesmo de outros países, que ao mesmo tempo que trocavam informações e meios de combater o comunismo, serviam como meios de comprovar discursos autóctones.

Esta realidade de desestruturação dos movimentos socialistas pode ser percebida com os primeiros momentos do Golpe Cívico-Militar, quando é demonstrada a tamanha desarticulação dos movimentos sindicais e de aspirações socialistas²⁷. Levantar suspeitas que o presidente João Goulart fosse o líder deste movimento teve uma carga ideológica tão grande ao ponto de implantar o terror naqueles que só conheciam o socialismo dentro da ótica comunista stalinista²⁸, ou pior, através dos noticiários dos jornais sensacionalistas, verdadeiros partidos políticos mal disfarçados. Mas se de um lado a imprensa e a oposição construía o mito revolucionário para justificar as suas ações, internamente a “Marcha com Deus, pela Família e pela Liberdade” tinha a sua própria produção ideológica estampada através dos seus símbolos maiores: Deus, Família e Liberdade.

Compreender estes ícones e seus referenciais de construção nos trará outra parte da razão do sucesso desta “Marcha”.

Os símbolos da passeata: “deus, família e liberdade”, e sua realidade comunicativa.

Os símbolos de qualquer manifestação ideológica só fazem sentido quando comunicado a realidade de vida do determinado grupo a que este se destina²⁹, logo compreender os símbolos desta passeata só se torna possível se olharmos os diversos grupos com que estes símbolos mantêm alguma forma de significado. E o primeiro deles é o mais intenso neste processo: “Deus”, pois se trata da apresentação da principal face brasileira religiosa, em sua maior proporção declaradamente católico, de acordo com o Senso do IBGE 1960³⁰. Para tanto, o grito principal a resistir ao domínio comunista só poderia surgir da alta cúpula da Igreja Católica de São Paulo onde além de ser o berço tradicional das antigas oligarquias, e por este momento, de uma certa elite empresarial disposta a financiar os custos deste protesto contrário ao discurso presidencial, ainda mantinha uma aliança forte e tradicional com a igreja que apoiava a manifestação.

²⁷ FILHO, Daniel Aarão Reis (org). *Versões e ficção: o sequestro da História*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997. p. 14.

²⁸ FILHO, Daniel Aarão (org.). *História do Século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000. p. 96-104.

²⁹ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989. p. 8.

³⁰ Segundo o Senso do IBGE realizado no início da década de 60, declararam-se católicos 65.369.470, em uma população de pouco superior aos 71 milhões de habitantes.

Apresentavam-se conflitos diversos e maus momentos para a Igreja católica pelos meios de comunicação em países onde eram instaurados governos comunistas, como o que segue abaixo:

“Quanto a igreja cubana, desde 1962 estabeleceu um *Modus Vivendi* com o regime do Primeiro-Ministro Fidel Castro. A igreja vencida pela revolução catrista, despojada de sua suas escolas e seus bens temporais, deixou também de cumprir seu antigo papal político. Resignada à sua situação, voluntariamente encerrou-se no mais absoluto silêncio”.³¹

Logo se tornava obvio que os fiéis desta religião no Brasil não poderiam deixar que o “Perigo Vermelho” comunista tomassem o governo. A falta de análise neste caso, dos manifestantes quanto a real condição deste “Perigo” faz com que este símbolo, “Deus”, seja encarado não apenas como um estandarte religioso, quando na realidade era um protesto puramente de manifestação política. O símbolo “Deus” ainda ganhava um significado maior, quando este mesmo além de ser um estandarte Católico, também se comunicava com diversas outras religiões, como protestantes, espíritas de diversas denominações, todos sob o mesmo

significado, a defesa da fé, que em suas instâncias mais restritas possivelmente não se comunicariam, mas Deus aparecia na Marcha como um modelo agregador. A passeata então, aos moldes de uma procissão, vai atender os anseios de forma a dar possibilidades da unificação de uma grande população.

Esta mesma construção religiosa do catolicismo romano, que tradicionalmente vem se desenvolvendo no Brasil desde o seu descobrimento, é a mesma responsável por apresentar conceitos absolutos para questões, por vezes, mais abrangentes. Um desses conceitos é o de “Família” tradicional, que neste momento era paternalista tendo na figura do homem, o chefe da casa. Este modelo contrastava com o apresentado pelas manifestações feministas que ganhavam espaços em todo mundo, onde a mulher deveria ganhar seu espaço na sociedade. Outra imagem que o termo “Família” trazia era da ordem da sociedade, logo a falta de ordem produzida pelos “subversivos” comunistas seria um atentado às “famílias de bem”. Era então necessário proteger o modelo familiar contra o “Perigo Vermelho” que poderia fragmentar a sociedade a partir da “célula mater”, como vemos nesse chamado a participar da “Marcha” no Rio de Janeiro, as vésperas do evento, rico em construções ideológicas da realidade:

³¹ JB. 1º Caderno, 18/08/63.

“O nosso direito de amar a Deus, e a liberdade e a dignidade de nossos maridos, filhos e irmãos, estão ameaçados pelos comunistas, primários em seus instintos e brutos em seus sentimentos. Eles se acham em plena marcha para submeter o Brasil à escravidão da sua ditadura retrógrada, anti-humana e anti-cristã”.³²

Foi com esse pensamento de preservação da moral familiar que as mulheres representadas pelos diversos grupos femininos, muitos deles ligados a Igreja Católica, foram para as ruas acreditando que assim estavam engrossando o coro de proteção aos seus ares, quando de fato estavam ajudando a legitimar um golpe.

Pensar no termo “Liberdade” no Brasil é perceber como esse símbolo pode apresentar diversos significados. Se for trabalhado num contexto religioso, pode significar liberdade religiosa para prestar culto, e este pensamento pode comunicar-se com todas as religiões. Aos de matrizes religiosas africanas, a “liberdade” iria muito além de não sofrer preconceito com sua forma de culto, mas de toda uma história de opressão que não se queria mais se viver. Dentro do contexto econômico, liberdade poderia significar o *Liberalismo Econômico* tanto difundido pelos Estados Unidos na

América Latina. Porém para os membros da classe média, era a liberdade para continuar progredindo sem ter suas economias confiscadas e ter o retorno de uma vida de estudo e trabalho, ou de investimentos de risco. Assim, pela forma como era apresentado pela mídia, o comunismo não era um outro sistema econômico e político, mas um monstro.

Para os mais empobrecidos a noção de liberdade seria outra, e na propaganda comunista seria a chance de ter melhores condições de vida.

Como vimos, “Deus, Família e Liberdade” são modelos híbridos³³ que dialogam com a sociedade de forma comum, dentro do campo cultural a partir de diversos aspectos religiosos, políticos, sociais, tendo seu significado de forma muito próxima da realidade dos diversos manifestantes, ao contrário da propaganda do Governo de João Goulart, que mesmo apresentando a Reforma de Base, e com palavras simples e populistas, não se comunicava com a realidade dos diversos grupos da sociedade e nem mantinha um símbolo pelo qual toda a população pudesse se sentir incluída como parte integrante desta realidade. Ao contrário! Porém, para que estes símbolos saíssem do aspecto popular e ganhassem as mentes dos milhares que invadiram as ruas da Avenida Rio Branco no dia 12 de março de 1964, se fazia

³² JB. 1º Caderno, 26/03/64.

³³ CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1997 p. 283-350.

necessária uma força grandiosa, os meios de comunicação de massa, e em nosso caso de análise específico, a mídia impressa. Esta sim foi a grande responsável pelo rápido e efetivo modelo de ideologia anticomunista que se alastrou rapidamente pelo Brasil, vindo a culminar no grande número de manifestantes que encheram as ruas na marcha do Rio de Janeiro.

O papel da imprensa na construção da cultura popular em cultura de massa.

Para compreendermos o papel da imprensa jornalística neste processo de reflexão historiográfica temos que perceber as mudanças que a mesma sofreu até o momento do evento. Entre estas mudanças, a forma de se escrever a matéria sofreu alterações para três modelos, a saber: o jornalismo opinativo, o interpretativo, e o informativo³⁴. O primeiro, opinativo, tratava de reportagens onde o autor do texto apresentava a sua opinião de forma incisiva a induzir o leitor. O interpretativo é o jornalismo que é fruto de uma maior pesquisa, de apuração dos “fatos” ocorridos para depois apresentar a sua narrativa. E por último, o interpretativo, construção textual que tinha por orientação gráfica a interpretação dos fatos, puro e simples, sem o auxílio de nenhuma

técnica apurada, na tentativa de uma possível imparcialidade.

Na década de 1960 estava consolidado o modelo norte americano no Brasil, onde se buscava uma produção imparcial, sem a menor influência dos meios de comunicação. Porém nenhum jornal é completamente imparcial, expressando sempre o ponto de vista de quem escreve³⁵.

Uma vez que descartamos a impossibilidade de imparcialidade, mesmo no caráter interpretativo do jornal, tomaremos como objeto de estudo, artigos do Jornal *O Dia*. Este nas vésperas da “Marcha” do Rio, apresenta como matéria de capa a Ação “pacífica” das tropas de Minas Gerais, que entram no Rio de Janeiro e, segundo o jornal, e ficaram em posição estratégica para “salvar a pátria da infiltração comunista que se observa no governo”, infiltração esta que nunca aconteceu em esfera alguma na proporção da calamidade apresentada. Outra matéria de capa apresenta o Governador Carlos Lacerda conclamando o povo a resistir, e pede para que construa barricadas em frente ao Palácio das Laranjeiras, para protegê-lo. Aqueles que por ventura tiveram acesso as informações de capa no Rio de Janeiro, poderiam até acreditar que já se tratava de uma Guerra Civil que estava prestes a acontecer.³⁶ O primeiro caderno deste

³⁴ BARBOSA, Marialva. *Jornalismo no Brasil: dois séculos de história*. Revista Eletrônica Memória do Jornalismo.

³⁵ HOHLFELDT, Antônio; VALLES, Rafael Rosinato. *Conceito e História do Jornalismo Brasileiro na*

“Revista de Comunicação”. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 73-77.

³⁶ JB, 1ª Página, 02/04/64.

exemplar que circulou na véspera da “Marcha” no Rio, foi construído cheio de mensagens de combate ao comunismo. Frases de efeito como “Defesa da Democracia” ou apelos a paz, são marcas de um discurso de quem quer apresentar um terror eminente.

Em outra página foi apresentada uma articulação do II Exército que se mobilizava para “Salvar a Pátria contra o julgo Vermelho”. E se formos citar todos os pontos onde apresentam uma construção tendenciosa, construindo uma imagem de caos no país, e do Presidente João Goulart como líder de uma crise generalizada e o mentor de uma “Comunização”. Mas o que parecia apenas a construção teatral de um enredo se torna uma introdução para o que se apresentaria na última página deste jornal. Grande parte da matéria apresentada na coluna seria um convite a participação da “Marcha” no dia posterior.

“A direção do CAMDE, organizadora da “Marcha da Família, com Deus pela Liberdade”, que será realizada amanhã, recebeu ontem a solidariedade da Frente Democrática dos Bancários. O movimento, segundo as organizadoras, deve contar com mais de um milhão de pessoas. O documento da Frente Democrática dos Bancários, diz que “é a mulher brasileira, tão bem representada pela CAMDE, quem está

despertando, com sua atuação corajosa e decidida, as energias mais vivas da pátria, livrando as das garras do comunismo ateu e desumano”.³⁷

A última sentença então proferida, “(...) comunismo ateu e desumano (...)”, sintetizam a ideologia da “Marcha”, a liberdade dos Cristãos e suas famílias em um país livre e humano. Puro jogo de palavras para criar um clima de luta religiosa e política. Porém o texto não vai só até este ponto de propagando. Toda a coluna da matéria foi destinada as informações como itinerários, melhores acessos, horário do evento, colaboradores, entre outras informações. Podemos então perceber uma clara indução neste primeiro caderno para construir no imaginário dos leitores uma realidade que em parte se comunicava com a sua vida cotidiana, porém com a criação de uma guerra contra “perigo vermelho” que não estava mais somente em Cuba ou em Moscou, mas ali perto, por isso todas as famílias deviam levantar-se contra este governo e marchar sob as bênçãos de Deus pela liberdade.

Conclusão

Este artigo apresentou, de forma breve, uma possibilidade de compreendermos como em tão pouco tempo entre o comício da Central

³⁷ JB, 1º caderno, 01/04/64.

do Brasil, proferido pelo Presidente João Goulart, e a *Marcha Pela Família com Deus pela Liberdade*, a população foi convencida, ou se convenceu a apoiar o Golpe Cívico Militar. A conclusão que tiramos foi que a propaganda do segundo evento, a “Macha”, foi melhor elaborada politicamente, principalmente com o apoio de diversos setores como a Elite Empresarial, Industrial, Militares, Políticos de diversas esferas, Igreja Católica e ramificações protestantes, tendo como porta voz a imprensa jornalística. Ao lado do governo federal estava apenas a propaganda oficial, desprestigiada pela falta de apoio.

Compreendemos então que a propaganda política, utilizada por veículos de comunicação de massa pode ser utilizada como uma ferramenta de construção ideológica. Muito embora “A Marcha” tenha reunido um maior número de participantes, estes estavam defendendo bandeiras variadas que dialogavam com as suas necessidades mais diversas, relacionadas aos símbolos “Deus”, “Família” e “Liberdade”, e embora de forma generalizante o discurso jornalístico da época tenha apresentado a defesa da intervenção militar, “A Macha” reunia diversos interesses e, de maior proporção, a oposição a um imaginário comunista construído durante anos através, primeiramente através dos governos que viam com maus olhos os movimentos sindicalistas, em segundo pela elite empresarial que se indispunha a negociar os

direitos trabalhistas, reivindicados principalmente pelos mesmos sindicatos que apoiavam os movimentos socialistas no Brasil, e em último momento representado pela igreja que via o combate ao comunismo uma defesa da fé e dos seus interesses religiosos. A imprensa jornalísticas foram a ferramenta que, utilizada de forma direta, surtiu o efeito pré determinado, de induzir os ânimos pelos meios de comunicação através do recurso de manipulação de uma população sofrida, através do conflito das mentalidades

Fontes primárias:

- Série de jornais com publicação diária do Jornal do Brasil, no período entre os anos de 1960 a 1964.
- Discurso de João Goulart realizado no comício da central do Brasil.

Fontes bibliográficas:

- ABREU, Alzira Alves de. *A modernização da imprensa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.
- BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989*. São Paulo: Editora Universidade. Estadual Paulista, 1991.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2002.
- BARBOSA, Marialva. *Jornalismo no Brasil: dois séculos de história*. Memória do Jornalismo. site:memoriadojornalismo.com.br/upload/imagem_0140603053047.pdf

- CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFANS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil. O longo Caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- _____. *A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é Ideologia?*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- Discurso de João Goulart, realizado na Central do Brasil dia 13/03/1964. Disponibilizado pelo Instituto João Goulart, na página on-line:
<http://www.institutojoaogoulart.org.br/contendo.php?id=31>
- EANGLETON, Terry. *Ideologia: Uma Introdução*. São Paulo: UNESP, 1991.
- FILHO, Daniel Aarão (org.). *História do Século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.
- FILHO, Daniel Aarão Reis (orgs.). *O Século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- FILHO, Daniel Aarão Reis (org). *Versões e ficção: o sequestro da História*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: Breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOHLFELDT, Antônio; VALLES, Rafael Rosinato. *Conceito e História do Jornalismo Brasileiro na "Revista de Comunicação"*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LAMARÃO, Sérgio. *A Marcha da família, com Deus pela liberdade*, in; *A Trajetória de João Goulart*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2012. Revista on-line: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/A_marcha_da_familia_com_Deus.
- LAMARÃO, Sérgio. *Comício das Reformas*, in; *A Trajetória de João Goulart*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2012. In: Revista on-line:
http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/omicio_das_reformas.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o "Perigo Vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- Como citar:** MOREIRA, Cristiano a Silva; LOYOLA, Patrícia Amaral. *Ideologia e cultura: um olhar além da "marcha com deus, pela família e pela liberdade"*, realizada no dia 02/04/1964. In: *Revista Digital Simonsen*. Rio de Janeiro, n.2, Mai. 2015. Disponível em: www.simonsen.br/revistasimonsen